

AVALIAÇÃO INICIAL DO IMPACTO DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRE OS XAKRIABÁ

Lucas de Sousa Teixeira (Bolsista da FAPEMIG/ Psicologia - UFSJ)

Prof. Dr. Carlos Henrique de Souza Gerken (DPSIC/LAPIP- UFSJ)

Agradecemos ao Apoio da FAPEMIG para a realização desse trabalho

Palavras Chaves: Escolarização, Letramento e Conscientização.

Este trabalho busca compreender os processos de letramento construídos pela primeira geração Xakriabá a completar a 8º série do ensino fundamental. Os estudos em letramento envolvem os usos cotidianos da leitura e escrita, bem como as dimensões interativas dos leitores / escritores buscando compreender os princípios, expectativas e valores que orientam as formas como os sujeitos interagem, interpretam, constroem e fazem uso da linguagem oral e escrita. Dentre os conceitos que embasam tal compreensão, encontram-se os binômios de práticas e eventos de letramento (Street, 2003), acesso e disponibilidade (Kalman, 2004).

Segundo Marinho (2007), o conceito de evento de letramento deriva da idéia lingüística de evento de fala, apontando para o momento em que as pessoas interagem com o texto e entre si para interpretá-lo. Já o conceito de práticas de letramento remonta ao contexto social mais amplo que envolve o uso do texto escrito, o planejamento do texto oral ou a referência oral a produções culturais escritas.

Ser letrado não coincide com dominar o código escrito, mas sim em ser capaz de participar dos usos sociais deste, o que trás duas implicações principais: 1- Os usos da escrita bem como seus aprendizados não estão restritos ao ambiente escolar. O uso, a aprendizagem e a manutenção do conhecimento se dão por meio das práticas e eventos de letramento constituintes das diversas esferas da vida cotidiana, como trabalho, escola, atividades intelectuais, família e a vida burocrática. 2- Há analfabetos que participam de diversas destas práticas, sendo, portanto, letrados apesar de não-escolarizados (Street, 2003).

Nesse sentido, não se pode afirmar que o letramento em si traria desenvolvimento cognitivo, político e econômico, uma vez que os grupos e classes sociais constroem suas próprias práticas para mediar suas relações de identidade, bem como as suas relações de poder (Street, 2003).

Kalman contribui metodologicamente com os estudos sobre letramento, com a distinção entre a disponibilidade e o acesso às práticas letradas. A disponibilidade diz respeito à presença física de materiais impressos e sua infra-estrutura de distribuição (bibliotecas, bancas de revistas, serviços postais, etc.). Já o acesso se refere às oportunidades concretas de participar de eventos de letramento, situações em que os sujeitos se colocam frente a frente com outros leitores e escritores, além das oportunidades e modalidades para aprender a ler e escrever. O acesso, enquanto categoria analítica nos permite identificar como se dá a interação entre os participantes dos eventos comunicativos, quais são os desdobramentos de seus conhecimentos, concepções, bem como quais os sentidos das práticas de leitura e escrita adotadas pelos sujeitos, as relações estabelecidas entre os leitores e escritores com os textos, o conhecimento da cultura escrita e os próprios conhecimentos dos sujeitos, além das conseqüências dos usos estabelecidos.

Galvão (2007) explicita o papel ativo dos sujeitos e dos grupos sociais nos processos de letramento como especificidade etnográfica desta terminologia. Há uma clara preferência por expressões como ‘participar da’, ‘apropriar-se da’, ‘relacionar-se com’ em detrimento de expressões como ‘inserir-se na’, ‘entrar na’ ou ‘ter acesso à (as)’ cultura(s) escrita(s).

Com base nestes conceitos nosso principal objetivo é compreender como os sujeitos que concluíram a 8º série da Escola Xukurank participam de uma cultura letrada, construída cotidianamente em um conjunto de eventos e práticas que nos propomos a conhecer. Investigou-se como as práticas e eventos de letramento compõem o cotidiano da Aldeia Barreiro Preto da Terra Indígena Xakriabá (TIX).

Os dados foram coletados em uma jornada de campo (25/10/08 à 03/11/08), por meio de observações participantes do contexto escolar, familiar e comunitário; grupo focal com alunos; registros audiovisuais das práticas e eventos investigados (aulas, acervo da biblioteca); entrevistas abertas feitas individual e coletivamente, registradas em áudio e/ou diários de campo, realizadas com pais, alunos, professores, lideranças e membros da aldeia.

No processo de produção dos dados empíricos buscou-se definir de que forma os jovens que concluíram a 8º série participam dos usos escolares e não escolares da escrita caracterizando quais são os principais contornos destas atividades, estabelecendo os objetivos, os interlocutores, a finalidade e os contextos de emergência da demanda por textos, bem como os suportes textuais (cartas, bilhetes, memorandos, avisos de reuniões, comunicados de instituições externas, etc.). Observou-se principalmente as formas básicas de interação no contexto escolar, dos jovens entre si e entre jovens e professores, bem como as relações estabelecidas entre os conteúdos trabalhados na escola e o saber do jovem em seu contexto de vida social e familiar.

Desta forma, buscou-se uma caracterização dos eventos e práticas de letramento ocorridos dentro e fora do contexto escolar, de modo a descrever e analisar os objetivos e as orientações das ações, os contextos concretos em que ocorrem, os sujeitos envolvidos, tipos de textos utilizados, suportes textuais e valores associados.

O contexto social Xakriabá

Os Xakriabá pertencem ao conjunto étnico e histórico dos chamados “índios do nordeste” que são, “diversos povos adaptativamente relacionados com a Caatinga e historicamente associados às frentes pastoris e ao padrão missionário dos séculos XVII e XVIII” (Dantas, Sampaio e Carvalho, 1992). Localizados no Norte de Minas, junto aos municípios de Itacarambi e São João das Missões, os Xakriabá apresentam, segundo COPIMG¹ (2009) uma população de aproximadamente 8000 habitantes. De acordo com a FUNAI (2003), constituem-se num dos grupos indígenas mais numerosos do Brasil, distribuídos em 26 aldeias e 3 sub-aldeias, localizadas em duas áreas demarcadas pelo governo federal: (TIX) (46.470 hectares) e Rancharia (6500).

Ao longo da década de 1970, na medida em que os movimentos organizados por camponeses passaram a ganhar destaque no Brasil, inicia-se um processo de reconhecimento da identidade dos Xakriabá enquanto indígenas, com o grupo passando a contar com a presença da FUNAI enquanto interlocutora. Os Xakriabá apresentam uma forma complexa de organização e

¹ Conselho dos Povos Indígenas de Minas Gerais. <http://www.sbrasil.org/copimg/index.php/nosso-povo.html>

formação das aldeias, com eles próprios se representando como misturados, por meio das categorias “puro”, “caboclo” e “baiano” (Santos, 1997).

A escola indígena Xakriabá surge durante a década de 1990, e sua implantação remete ao movimento indígena brasileiro e suas conquistas inscritas na Constituição de 1988 e na LDB 93-94/96, referentes à criação de uma escola diferenciada para as escolas indígenas. Atualmente são 29 unidades escolares estaduais indígenas funcionando na TIX, atendendo a mais de 2000 alunos do ensino médio e fundamental. O ensino e gerenciamento das escolas são conduzidos por 102 professores eleitos pela comunidade e que participaram do Curso de Formação da Secretaria Estadual de Educação – SEE e da Licenciatura Indígena da UFMG.

A introdução do processo de escolarização, bem como a implantação dos serviços de saúde por parte da FUNASA resultou na formação de vários profissionais indígenas que são escolhidos pela comunidade e precisam dominar estratégias de registro e comunicação em linguagem escrita, sendo recrutados entre os alunos com maior escolaridade. Além de estabelecer novas fontes de renda e uma nova economia (ver mais em CLEMENTINO & MONTE-MÓR, 2006), os empregos gerados estabelecem novos papéis sociais, transformando o cotidiano e a cultura dos Xakriabá. De acordo com Pena (2004) em 2003 haviam 56 auxiliares de serviços, 45 agentes de saúde, 9 agentes sanitários, além dos 102 professores das escolas indígenas.

O recorte populacional desta pesquisa deu-se por meio da atuação junto a Escola Estadual Indígena Xukurank, sediada na Aldeia do Barreiro Preto, que constitui o terceiro maior contingente populacional da TIX, com aproximadamente 600 habitantes distribuídos em 112 famílias, cuja maioria das casas é construída em alvenaria e tem acesso à energia elétrica, água encanada e esgoto escoado para fossas, havendo ainda casas nas quais se utilizaram técnicas tradicionais de barro trançado com madeira.

Os usos da Escrita por um aluno e agente indígena sanitário:

Devido às limitações espaciais, faremos nesse texto a descrição de um evento de letramento ocorrido na Escola Xukurank, que diz respeito ao uso que Adão - aluno do 1º ano do ensino médio e Agente Indígena Sanitário (AISAN) - faz de um Álbum Seriado do AISAN que aborda as principais questões sobre educação e saúde no contexto indígena convidado por sua professora para uma atividade em sala de aula para discutir problemas próprios dos Xakriabás na disciplina “Usos do Território”. Construído no contexto de sua formação profissional pela FUNASA, a elaboração deste instrumento de intervenção educacional é marcada pela orientação explícita da agência formadora para construir um material que possibilitasse a participação de toda a população indígena, sobretudo aqueles que, em sua maioria, não dominam a linguagem escrita.

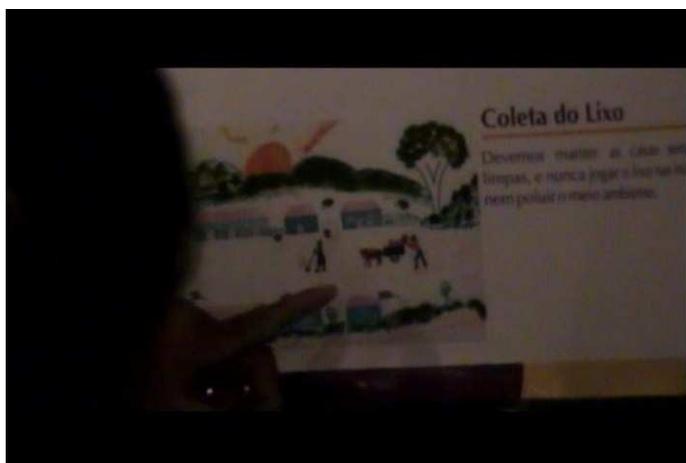
Trata-se de um texto que foi elaborado para ser utilizado em reuniões públicas, nas escolas e, sobretudo, nas próprias casas das comunidades Xakriabá, sendo composto de dezoito páginas que articulam desenhos elaborados pelos próprios AISANs e textos escritos intencionalmente construídos para mobilizar situações de interação, como apoio para a leitura e discussão de problemas de saneamento da população Xakriabá.

Adão relata que em muitas ocasiões ocorreram conflitos com a população em função do incômodo que suas falas representam. Não se pode esquecer que se trata de um aluno da escola, membro da comunidade que passa a ocupar um lugar de autoridade entre os indígenas. Explicitando seu desconforto, Adão revela: “*Porque muitas vezes a gente fala, passa uma estrutura pra uma residência, as vezes a gente é rebaixado, né? “Ah! Mais não sei o quê! Que você não sabe de nada!” e tal. Aí a gente vai lá, pega a apostila, lê uma parte e explica*

para aquela pessoa, né, a realidade.” Como é possível observar no discurso de Adão, o apoio ao texto escrito é um fator fundamental para a construção de sua autoridade junto à população.

Adão relata nos momentos iniciais de sua apresentação que embora esse Álbum Seriado tenha sido produzido em 2002 ele só foi entregue em julho de 2008 pela agência formadora, justificando assim o fato de ser sua primeira apresentação. Outra justificativa para a demora na utilização deste instrumento em atividades educacionais é o conflito que existe entre a sua atividade educacional e sua atividade prática e emergenciais como a instalação e manutenção de fossas, encanamentos e bombas de água.

Diante da impossibilidade de apresentar e discutir todo o processo de interação ocorrido num espaço de aproximadamente duas horas, descreveremos a interação ocorrida a partir da leitura de uma das páginas do Álbum (p.14) que trata sobre o destino do lixo na comunidade.



Conforme pode ser observado, nesta página intitulada "Lixo e comunidade", temos três desenhos à esquerda em diálogo explícito com os três textos dispostos do lado direito do papel. O primeiro texto estabelece uma correlação entre as formas consideradas inadequadas de lidar com o lixo e a proliferação de vetores de doenças.

aqui na aldeia jogamos fora por não servir mais pra nós? O lixo pode servir para a reprodução de moscas, baratas, mosquitos e ratos, tornando mais fácil a transmissão de doenças como diarreias infecciosas, dengue, leptospirose e outras. Por isso, devemos ter cuidado com o lixo.(P. 14 Álbum Seriado)

Complementando tal texto, temos a seguinte imagem: ao centro, diversos materiais representando o lixo espalhado, como caixas de papelão, roupas, uma lixeira, embalagens

plásticas, e restos de comida. Em torno do lixo, temos diversos vetores de doença; como baratas - abaixo - urubus, ratos, porcos e moscas.

A segunda mensagem veicula a resposta proposta pela FUNASA para o problema do lixo na aldeia. *“Como cuidar do lixo na aldeia? Todos na comunidade podem ajudar. Todo lixo que não aproveitamos deve ser enterrado.”* Visualiza-se no desenho duas árvores e uma pessoa carregando lixo para o aterro. À frente desta pessoa, encontram-se três aterros, com três pessoas jogando lixo neles.

A terceira mensagem sugere a implantação da coleta de lixo na comunidade. Onde se lê: *“Coleta do lixo. Devemos sempre manter as casas limpas e nunca jogar lixo nas matas nem poluir o meio ambiente.”* Já o desenho representa casas lado a lado e de frente umas para as outras, formando uma rua. Nesta rua temos uma pessoa varrendo e outra recolhendo o lixo e colocando-o numa carroça que, na fala de Adão, levará o lixo recolhido para o aterro da comunidade.

Ao longo das observações realizadas em sala de aula pode-se observar que a interação entre os atores se dá predominantemente com longos períodos de fala dos professores.. Os alunos interagem por meio de dois tipos de silêncio: no primeiro os alunos alternam o olhar para a professora, o quadro e o caderno demonstrando interesse na discussão, e no segundo os alunos trocam olhares e bilhetes entre si estabelecendo formas de comunicação entre alunos sem interferir no andamento das atividades demonstrando outras formas horizontais de trocas.

A fim de compreender concretamente como se dá o processo de interação ocorrido, far-se-á uma descrição do mapa de eventos que tentará reproduzir a seqüência dos discursos desenvolvidos na interação entre a professora e de Adão, e cujo conteúdo central é a discussão sobre o destino final do lixo na aldeia ocorrida com base na leitura da página 14 do Álbum Seriado realizada anteriormente pelos alunos. Nesse momento é possível observar o trabalho de construção de leituras e interpretações feitas sobre o material escrito, e mediadas pelos sujeitos envolvidos no processo de interação.

Turno	Linha do tempo	Discurso
AISA N:01	04:20	Todo lixo que não aproveitamos deve ser enterrado ou queimado, né. Por que quê tem que enterrar ou queimar? Porque tem lixo, que todo mundo sabe, que ele não queima, por exemplo, o vidro, o cristal ele não queima. Tem outros, a lata de alumínio, ela não queima. O que quê tem que fazer, ou recicla as latinhas de refrigerante e os litro de cristal, ou então enterra, né? Se não tiver condição de reciclar, juntar num saco e mandar pra Itacarambi ou pra Missões pra vender, tem que enterrar, abrir um buraco refrigerante ali no Tio W, bebo ele e joga a latinha lá na estrada. Aí outro vem e compra um picolé lá no Tio Waldir e joga o papel na aí no quintal, ou fora do quintal e enterrar. Porque se cada dia passa, eu compro um estrada. Aí o vento vêm trazendo. Cês pode observar que aquela cerca ali tá assim, oh, de lixo. Por quê? As vezes não foi ninguém que jogou ali não, mas foi que jogou lá e o vento trouxe e já tá descendo aqui na escola.
Prof: 02	07:12	É o que agente fala, toda comunidade pode ajudar.
AISA N: 03	07:18	E então é por isso que toda vez que eu chego lá, eu falo: queima o lixo. Porquê que tem que queimar? Porque tem um lá que chegou, comprou um picolé, tirou o papel, e jogou lá. Lá não tá mais com o buraco porque já aterrou, né. Tem que afundar ele mais pra que o vento né. E eu sempre falo pra eles quando eu chego lá, que com os meninos lá eu tenho muito costume, né, eu vivo bem com eles lá, igual eu falo pra eles eu não falo pra outras pessoas, né? que agente é mais acostumado. Que agente deve falar assim “Oh! Cês tá ganhando dinheiro mas cês tem que preocupar com a natureza! Não é só pensar em pegar o dinheiro do picolé ou dinheiro do sorvete, e deixar aí o vento carregando os copinhos, carregando os papel de picolé e poluindo as outras casas e a escola não. Então eles sempre tá fazendo devagarzinho, né?

		queimando o lixo, né? As vezes tá enterrando. Mas ainda tá, igual outras pessoas também tá fazendo. Compra lá, pega o refrigerante e joga o litro no meio da estrada. Um litro de refrigerante ela vai durar aí muitos anos na terra aí sem desmanchar. É muito tempo mesmo.
Prof: 04	08:25	Nós tá vendo que não é suficiente queimar, né? Mas agente não tem outra alternativa, outra maneira a fazer, né? Então, né...
AISA N:05	08:35	Então agente sabe disso, e quando agente queima o lixo, principalmente o lixo descartável, que solta aquela fumaça preta, né? Vai tá poluindo o ar, a fumaça do lixo. Porque cada lixo ele tem o processo mais forte que o outro. O papel a fumaça é mais fraca, o descartável a fumaça já é mais forte, né, cada coisa tem seu processo, num é? Mais assim, quando agente enterra também vai tá contaminando a camada do lençol freático, né? Porque quando chove aquela água tem que infiltrar, né? E esses poço artesiano eles são, da água, né, lá do fundo, então se abre um poço onde que a água tá contaminada, com certeza agente vai beber a água que tá contaminada, ainda mais que se é uma água de boa qualidade como é a água que agente precisa pra consumir. Mas assim, se agente for pensar assim, eu não vou enterrar o lixo porque vai poluir, vai contaminar o lençol. Eu não vou...
Prof:06	09:38	Queimar.
AISA N:07	09:39	Queimar, porque vai poluir o ar. Mas e aí? Como vai ficar o ambiente, né? Vai ficar mais lixo do que gente, né? Vai ter mais lixo do que gente. Então o único jeito que tem pra nós trabalhar, tanto nas escolas quanto nas casas de residência, nas casas das pessoas, é isso aí. É o trabalho mais fácil que agente tem de trabalhar, né? É enterrar um pouco, queimar o outro, pra poder fazer um balanço aí no processo.

O que nos interessa demonstrar na seqüência de discursos e leituras ocorridos entre professora e AISA/aluno é o processo de apropriação por meio do qual os sujeitos interpretam e dão sentido à leitura do material descrito e à sua realidade cotidiana. Ao longo da interação observa-se como um aluno (Adão), ocupando outra posição na relação pedagógica (como AISA), e a professora estabelecem os outros alunos como interlocutores de suas problematizações sobre os destinos finais atualmente recomendados ao lixo da comunidade.

No turno 01, Adão interpretando o conteúdo do Álbum lido, diz que há resíduos orgânicos resistentes ao fogo, como o vidro e o alumínio, e que estes devem, idealmente, serem vendidos nas cidades vizinhas para fins de reciclagem. Contudo, extrapolando o conteúdo do texto, coloca tal solução como paralela à de enterrar tais materiais, frisando como mais importante a questão de que os sujeitos passem a dar fins individualmente aos seus resíduos, ao invés de deixá-los ao ar livre.

No turno 02, a professora parafraseia Adão, afirmando que “toda comunidade pode ajudar”, na medida em que cada um cuida de seu próprio lixo. Nos turnos 03 e 04, temos Adão dando um exemplo cotidiano de sua atuação profissional, relatando as orientações dadas aos donos da venda da aldeia, e na seqüência, a professora parafraseando de modo a frisar, uma vez mais, o aterramento do lixo como solução local para o problema. No turno 05 e 07, Adão demonstra estar ciente de que as soluções propostas por ele irão, inevitavelmente, poluir o ar e o solo, podendo inclusive vir a contaminar os lençóis de água. Sua conclusão aponta para o fato de que a queima e o aterramento do lixo, apesar de serem soluções limitadas, são as mais viáveis para a aldeia no presente momento.

Pena (2004) discutindo a questão do lixo em seu trabalho sobre as condições de saúde dos Xakriabá relata-nos que nos locais das aldeias e sub-aldeias em que as casas estão mais concentradas é comum encontrar resíduos sólidos espalhados pelas ruas e áreas de pastagem. Segundo ele, 65,77% dos domicílios Xakriabá relataram utilizar a queima como destino final

aos seus resíduos sólidos, enquanto que apenas 0,25% das moradias da Terra Indígena declaravam enterrar o lixo. Apenas os resíduos da Rancharia (1,55% das residências) são destinados ao lixão de São João das Missões, sendo atendida uma vez por semana pelo serviço de municipal de limpeza pública. O autor aponta com estranhamento que tais opções, que tecnicamente agridem o meio ambiente e colocam em risco a saúde da população, são espontâneas, fazendo parte dos programas de educação ambiental difundidos pelos AISAN de toda a TIX.

Considerações finais.

A análise do evento de letramento demonstra de que forma a escrita tem sido utilizada concretamente pelos sujeitos investigados para mobilizar situações de interação em que são apresentados e discutidos problemas centrais para a vida cotidiana do povo Xakriabá. No caso em questão, um aluno do 1º ano enfrenta a tarefa de atuar educacionalmente como AISAN, descobrindo novas formas de se colocar na relação pedagógica diante dos conteúdos trabalhados e do professor. Desta forma, descobre novos usos da escrita como parte de um processo de transformação das atitudes dos sujeitos sobre um problema concreto a ser enfrentado pela população. Pode-se afirmar que embora o acesso da comunidade escolar aos conhecimentos produzidos pelos AISANs em sua formação profissional se dê em eventos pontuais de letramento, tal acesso constitui-se em um recurso precioso de apropriação da realidade e de construção de soluções para os problemas enfrentados no cotidiano. As soluções apresentadas para a questão do lixo são predominantemente individuais e, embora se observe a identificação de suas contradições, os diálogos não apontam para a necessidade de criação de políticas públicas mais amplas. Por outro lado, o processo de conscientização aqui descrito compõe toda uma gama de ações e discussões políticas desenvolvidas pelos Xakriabá, que tem resultado na mobilização da Prefeitura de São João das Missões para a elaboração de um projeto coletivo de coleta seletiva e reciclagem para toda a Terra indígena.

Referências Bibliográficas.

DANTAS, Beatriz G., SAMPAIO, José Augusto L. e CARVALHO, Maria do Rosário G. 1992. "Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro: Um Esboço Histórico". In: M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP/SMC/ Companhia das Letras. pp. 431-456.

GALVÃO, A. M. O. *Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita*. In Galvão, A.M.O. (Org). *História da cultura escrita: Séculos XIX e XX*. Autêntica. 2007

KALMAN, J. (2004). *Saber lo que es la letra*. México: Siglo XXI editores, p. 190.

MARINHO, M. *Que novidades trouxeram os "novos estudos sobre letramento"*. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2007, Vitória. Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste - 27 a 30 de maio 2007. p. 1-14

PENA, J. L. *Perfil sanitário, indicadores demográficos e saúde ambiental após implantação do distrito sanitário especial indígena: O caso dos Xakriabá em Minas Gerais*. Disponível em < <http://sis.funasa.gov.br/portal/publicacoes/pub2.pdf> > (01/04/09)

STREET, B. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*, Vol. 5(2) 2003